



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

O IMPACTO DA CATEQUESE JESUÍTICA EM LÍNGUA KIRIRI: A TRAJETÓRIA DE “TAPUIAS” NOS ‘CAMINHOS DE DENTRO’

Paloma Reis Soares¹; Rejane Cristine Santana Carneiro;

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Letras com Língua Inglesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: paloma.reis26@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: resantana110@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Linguística histórica; “Tapuias” do sertão; Língua Kiriri.

INTRODUÇÃO

“Os caminhos de dentro” nos guiam para a história soterrada dos povos originários nativos do território baiano, ambiente este que resguarda a raiz violenta do processo de colonização o qual foi responsável por dizimar, doutrinar e apagar os aspectos históricos e socioculturais dos povos indígenas que já povoaram e, atualmente, ainda povoam esta terra. Nesse sentido, ao desbravar tais caminhos nos deparamos com os vestígios das contribuições que os povos indígenas forneceram na formação histórica, sociopolítica e cultural do Brasil.

Em vista disso, foi nas entranhas do sertão baiano que ocorreram os primeiros aldeamentos indígenas com a intenção de converter estes povos ao cristianismo, porquanto, foi neste território que a Companhia de Jesus praticou a missão de catequizar os povos indígenas que fugiram e/ou viviam nos sertões, ou seja, no interior do estado. À vista disso, é lógico imaginar que a língua e a cultura dos povos indígenas do século XVII e XVIII contribuíram, em alguma instância, na formação cultural da região.

Mediante a este contexto, a presente pesquisa busca compreender o impacto da doutrinação cristã imposta aos indígenas do sertão baiano, tronco *Macro-jê*, a fim de analisar quais implicações que este processo teve quanto aos aspectos culturais e, precisamente, linguísticos dos povos indígenas. Para tanto, baseamo-nos em estudos do *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* (1698), da gramática do Pe. Jesuíta Maniani, intitulada *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Karirí* (1699). Na perspectiva da Linguística Histórica, História Social da Língua e da Cultura da Escrita por um viés historiográfico sobre fatos deixados pelo tempo para recompor narrativas, interessamo-nos pelas nações dos “bárbaros indígenas” no processo de catequese, pois, foram povos que fizeram a história do semiárido baiano no século XVII, entretanto, foram versados por um viés etnocêntrico como coadjuvantes desse processo sócio-histórico.

Nessa investida, apresentaremos o protagonismo dos “Tapuias” do Sertão, como arquivo vivo, para a produção escrita em língua Kiriri setecentista; e, resquícios lexicais registrados no catecismo e na gramática em língua Kiriri, supostamente originários da família Kiriri, tronco Macro-Jê, que se encontram vivos em comunidades circunvizinhas

ao antigo Aldeamento de Natuba, fazendo-nos crer que o legado linguístico Kiriri perpetua entre falantes do semiárido baiano. Assim, esse legado linguístico constitui-se como maior impacto da catequese nos ‘caminhos de dentro.’

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A vigente pesquisa utiliza a Linguística Histórica (LH) como campo para a investigação do impacto da doutrinação cristã aos povos indígenas, a fim de notar as transformações culturais e, precisamente, linguísticas que este fato ocasionou mesmo após quase quatro séculos de contato entre os respectivos povos, os doutrinadores e a região do semiárido baiano. Nessa perspectiva, emprega-se a vertente *stricto sensu* da Linguística Histórica que, segundo Mattos e Silva (1999), “[...] se concentra na mudança linguística no tempo, levando em consideração fatores intralingüísticos ou estruturais e fatores extralingüísticos ou sócio-históricos” (MATTOS E SILVA, 1999, p.151).

Por esse caminho, a pesquisa possui caráter bibliográfico e explicativo. Pois, através de tais ferramentas metodológicas realizou-se uma investigação documental a partir do *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* (1698), com escrita bilíngue em Português arcaico e Língua Kiriri, e da gramática do Pe. Jesuíta Maniani, intitulada *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Karirí* (1699), em conjunto com pesquisas acadêmicas que discorrem a respeito do processo histórico e colonial que os povos originários viveram no sertão baiano, ressaltando a forte presença dos indígenas designados como “tapuias”, ademais, as seguintes pesquisas também demonstram a relação lexical da Língua Kiriri com o semiárido baiano. Destarte, utiliza-se as contribuições teóricas de Cunha e Souza (2011), Lyrio Santos (2012), Mattos e Silva (1999, 2008), Rodrigues (1993), Santana e Mendes (2019), Mattoso Câmara Jr (1965) e Santos (2011), para fundamentar o enraizamento indígena nos caminhos de dentro do território baiano.

Isto posto, os caminhos desta pesquisa percorreram as discussões realizadas no V Congresso Internacional de Linguística Histórica: constelações diacrônicas, no período de 19 a 23 de julho de 2021. Em seguida, participará contribuindo com as discussões e resultados encontrados no III Congresso Internacional Mundos Indígenas, na primeira semana de novembro e, obviamente, compartilhar a respectiva discussão XXV Seminário de Iniciação Científica - SEMIC.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A Companhia de Jesus teve o seu primeiro contato com o solo brasileiro em 1549, através da comitiva do primeiro governador geral Tomé de Sousa. Desde a sua chegada, a intenção dos jesuítas era converter os nativos ao cristianismo e, para isto, tentaram variados tipos de catequização. No entanto, a base da conversão dos povos originários consistia no aldeamento, ou seja, agrupamentos dos povos indígenas em um determinado território. Desse modo, os missionários propagavam o dogma cristão e se inseriam no cotidiano indígena, por esse viés, aprendiam sobre os aspectos culturais desses povos. (LYRIO SANTOS, 2011, p. 19)

À medida que o processo de colonização se disseminava para as entranhas do sertão baiano, conseqüentemente, outras etnias indígenas foram reconhecidas. Este contato foi estabelecido pelo intento de catequização e para “civilizá-los”. A partir deste

momento, nota-se que os povos originários do sertão se diferenciavam culturalmente dos povos do litoral, a começar pela língua, segundo Rodrigues (2002), visualiza-se naquele momento a presença da língua “*Nhengaíba* (referência de fala ruim, língua travada) e, em oposição, povos que falavam o *Nhengatu* (referência a uma boa fala) na Ilha de Marajó”, ambas do tronco Macro-jê, além da existência Língua Geral Tupinambá, tronco Tupi, utilizada para intermediar a relação com os indígenas nas missões, ademais teve a função minimizar a multiplicidade linguística.

De acordo com Santana e Mendes (2019) *apud* Cardim (1583), a língua *Nhengaíba* considerada travada, corrupta e de fala ruim era utilizada pelos povos indígenas que viviam espalhados pelo território do semiárido baiano, conhecidos como ‘bravos’, ‘bárbaros’ e ‘selvagens’. Por conta dessas diferenças e, também por conflitos entre as vigentes etnias, os povos indígenas do sertão foram designados como “tapuias”, o respectivo termo pertence ao tronco Tupi e significa “inimigo”, segundo o estudo de Lyrio Santos (2011), o Padre Simão de Vasconcelos designou a etimologia deste termo baseado no comportamento e caráter destes povos. Seguindo a mesma linha, Lyrio Santos (2011) complementa a respeito destes povos e o termo direcionado a eles.

Esses povos foram identificados de modo genérico como “tapuias”, termo tomado de empréstimo do idioma tupi. Eles eram considerados mais bravios e indômitos do que os povos do litoral. Antropólogos e historiadores têm demonstrado, há algum tempo, que o termo “tapuia” não deve ser considerado uma designação étnica, mas um termo genérico usado, inicialmente, pelos próprios grupos falantes do Tupi-guarani – e adotada pelos portugueses – para se referir aos demais povos indígenas. (Lyrio Santos, 2011, p. 61)

Não se sabe ao certo quais etnias foram exatamente compreendidas como “tapuias”, no entanto, segundo Cardim (1997), os indígenas designados como “Tapuias, sertão da Baía” estavam localizados nas aldeias de Natuba, Saco dos Morcegos e Canabrava, as quais eram povoadas principalmente pela etnia Kiriri. À vista disso, nota-se que a Língua Kiriri é uma das principais línguas faladas por aqueles povos que foram designados como arredios do sertão. Mediante a esta constatação, sabe-se que a respectiva língua não possui, considerando as pesquisas realizadas até então, uma comunidade ou falante que ainda a utilize cotidianamente por conta do processo de genocídio e epistemicídio destes povos. Ademais, consta-se os vestígios culturais e linguísticos da Língua Kiriri, no entanto, frente a investigação destes vestígios, principalmente, os linguísticos notam-se que são, em sua maioria, designados do como originários tronco Tupi.

Fato que se torna contraditório e curioso, pois há comprovação do povoamento desses povos no sertão baiano em detrimento dos povos de tronco tupi. Santana e Mendes (2019) compreendem esse processo como “tupinização”, uma tentativa de homogeneizar as línguas indígenas de diferentes povos que foram aglomerados em aldeias”, que se faz eloquente atualmente. Mediante a isso faz-se necessário a investigação da vivacidade das línguas de tronco macro-jê que ainda estão presentes na linguagem do semiárido baiano. Nesse sentido, a presente pesquisa elucida a existência de palavras que a Língua Kiriri baseada nos achados de Santana e Mendes (2019), quanto a expressão *Boedu Craê*, expressão usada pelos indígenas da aldeia de Massacará referente ao turno da manhã, podendo designar o “bom dia”, e que se assemelha a palavra *Cayê* descrito no catecismo

e a palavra *Bogó*, refere-se a uma bolsa que pode ser feita de sisal ou fibra têxtil, encontrada no catecismo como *bocó*, também se referindo ao pequeno saco ou bolso. (SANTANA E MENDES, 2019, p. 13)

Dando sequência, Cunha e Souza (2011) ao fazer um levantamento lexical com indígenas de Mirandela notou que a maioria das palavras têm designação Tupi ou que não possuem origem controvertida ou desconhecida. No entanto, ainda segundo Cunha e Souza (2011) trouxe à tona algumas palavras que o dicionário Houssais demonstrou uma possível origem do tronco Macro-jê, as quais são *Quixó, aribé, ariguidá, boroiê ~ buraiê, aluá, toié, inganchá, bodê, oiná, pajetô, tauá, tipá, gravita, paú e badzè*. Os respectivos elementos lexicais tiveram uma indicação pelo Houssais como “de origem provavelmente tapuío” ou não tiveram indicação quanto léxico do tronco Tupi permitindo, dessa forma, uma suposição de origem macro-jê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A colonização enquanto mecanismo de expansão e dominação territorial pautada na hierarquização dos povos, a qual deprecia determinadas organizações sociais em comparação a outras, exerceu uma inestimável ruína sócio-histórica e cultural dos povos originários que habitavam o Brasil antes de 1500 (CUNHA E SOUZA, 2011). Mediante a esta concepção, a pesquisa analisou a história social da língua dos indígenas “tapuias”, evidenciando que as expressões lexicais presentes no catecismo e na gramática do Pe. Mamiani, possivelmente ainda estão vivos no linguajar sertanejo. No entanto, com a designação equivocada sendo remetidas ao tronco tupi, mesmo que esses itens lexicais estejam em uso em aldeamentos desde o século XVII. Por conta disso, observa-se o quão é agravante o processo de aniquilamento do multilinguismo indígena, assim o apagamento histórico.

REFERÊNCIAS

- CARDIM, S. J. F. [1583-90]. *Tratados da terra e da Gente do Brasil*, transcrição edição e notas de Ana Maria de Azevedo, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses. 1997. p. 90.
- MAMIANI, L. V. 1942 [1698]. *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Karirí*. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional. (Edição fac-similar).
- RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. São Paulo: DELTA, 1993. p. 99-100.
- SANTANA, R. C. C. MENDES, L. O. *O Legado Linguístico dos Tapuias no Sertão Baiano*. Capes: Programa de Iniciação Científica (IC), 2019.
- SANTOS, A. L. S. M. *Conquistas da fé na gentildade brasílica: a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683-1758)* – João Pessoa, 2011.
- SANTOS, F. L. *Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia (1750-1800)* – Salvador/BA: Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.
- SILVA, R. V. M. *Orientações atuais da Lingüística Histórica Brasileira*. D.E.L.T.A., vol. 15, n.º especial, 1999 (147-166).
- SOUZA, H. F. C. *O Português Kiriri: aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do Sertão Baiano*. Salvador/BA: Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.